

Ecovisões sobre Design para inovação social

Carla Cipolla

A trajetória histórica do design para a inovação social no contexto brasileiro tem um de seus pontos de destaque na vinda de um de seus principais teóricos, o prof. Ezio Manzini, ao Brasil entre 2007 e 2008 para o curso “Design, Inovação Social e Desenvolvimento Sustentável” (DESIGN.ISDS) financiado pelo programa Escola de Altos Estudos da Capes e promovido pelo Programa de Engenharia de Produção da COPPE-UFRJ com transmissão e interação on-line para universidades de todo o país. Tal visita constituiu uma oportunidade de encontro e interação sobre o tema para diversos pesquisadores e designers no Brasil.

Neste momento, a rede Design para a Inovação Social e Sustentabilidade – DESIS (<http://www.desis-network.org>) estava em seus primórdios. Nascia a partir das experiências acumuladas em projetos anteriores, como *Emerging Users Demands for Sustainable Solutions* – EMUDE (2004-2006), que visava entender o papel das inovações sociais na transição para a sustentabilidade no contexto europeu, e o *Creative Communities for Sustainable Lifestyles* – CCSL, que realizou a mesma pesquisa no contexto africano, brasileiro, chinês e indiano. Ambos os projetos reconheceram a importância de uma atuação em rede para o desenvolvimento e promoção da inovação social pelo design e a necessidade de refletir sobre o papel da prática profissional do designer, bem como seu quadro teórico, diante do reconhecimento do valor de soluções auto-organizadas pelos cidadãos que questionavam os modos hegemônicos de produção e consumo. Tais soluções, consideradas promissoras na transição para a sustentabilidade, traziam no seu bojo o reconhecimento de uma criatividade difusa e, conseqüentemente, o reconhecimento das habilidades de design por não designers. Longe de questionar a necessidade e o papel dos designers profissionais, propunha-se, e propõe-se ainda hoje na rede DESIS, a repensar o papel destes em um grande processo de apren-

dizagem social e distribuída, reconhecendo a organização em rede e o emergir de um novo conhecimento em design capaz de interpretar e fomentar tais processos.

Os autores reunidos na seção “Design para a Inovação Social e Sustentabilidade” neste livro manifestam, articulam e desdobram o tema no Brasil. Contribuíram e contribuem com o processo de constituição desta atividade e também da rede DESIS em seus vários momentos históricos, a começar pelo encontro de alguns no curso DESIGN.ISDS em 2007 e 2008, onde houve posteriormente uma primeira articulação em um grupo de pesquisa no tema fundado em 2008 (o qual constituiu uma primeira articulação brasileira da futura rede DESIS), até incluir a constituição de DESIS Labs em cinco universidades no nosso país (UFRJ, UFSC, UEMG, UFPR, Unisinos), onde alguns dos autores encontram-se atualmente sediados.

Cynthia Malaguti lembra que a ideia da função social do design e de seu papel na promoção de mudanças em direção a uma sociedade mais justa e em harmonia com a natureza não é nova. Autores como Victor Papanek, Tomas Maldonado e Gui Bonsiepe já indicavam tal perspectiva nos anos 1970. Indica também que a abordagem do design associada à inovação social, embora integre alguns aspectos considerados por estes e outros autores precursores, compreende peculiaridades e propõe diretrizes para a prática do design não contempladas por eles. Ressalta, porém, através de sua própria prática, que temos no Brasil experiências passadas que poderiam oferecer *insights* para a prática de design para inovação social e sustentabilidade atuais, inclusive em termos teóricos e metodológicos.

Observa-se nos autores desta seção o foco em uma definição de inovação social que se manifesta não apenas em serviços ou sistemas produto-serviço, mas também em processos de governo, de organização e de transformação que ocorrem no seio da sociedade, como ressalta Carlos Franzato, ou empreendimentos, organizações públicas ou sociais que tenham o desenvolvimento sustentável da sociedade como valor central, tal como apontado por Karine Freire.

Todas as contribuições ressaltam o papel do design e a apresentação e análise de abordagens teóricas e metodológicas orientadas a facilitar e permitir novas interações sociais, relações e colaborações sociais capazes de facilitar, desenvolver e promover a inovação social.

Beany Monteiro coloca seu foco na extensão universitária. A autora delinea, a partir de sua própria prática, os contornos do exercício do design para a inovação social no contexto universitário: uma atividade que se desdobra em uma interação ativa e mutuamente transformadora com a sociedade. O designer é apresentado pela autora como articulador de um novo conhecimento, autônomo, formado transversal e assimetricamente, em um processo de aprendizagem social que articula e conecta diversos atores. O design como elemento promotor da inovação social é apresentado como um processo que se desvenda em diálogos e

encontros, o que coloca importantes desafios em termos de métodos, relacionados à um procedimento dialogal.

Carlos Franzato coloca seu foco no papel das redes de projeto. Segundo o autor, o designer nos processos de inovação social para a sustentabilidade torna-se o protagonista e articulador de uma ampla rede de atores que contribuem direta ou indiretamente para o desenvolvimento de estratégias, para a difusão, transformação e reinterpretação contextual de ideias inovadoras na perspectiva da sustentabilidade, incluindo os membros e *stakeholders* de organizações, de comunidades, os usuários, os cidadãos e as pessoas em geral. Cita aqui também o termo diálogo e a importância da construção coletiva e colaboração como partes fundamentais deste processo, para que este não resulte amorfo e inerte. Esta prática projetual de relações é posta como centro da consideração estratégica do design que se apoia na sociedade da informação e do conhecimento para promover um amplo processo de aprendizagem social. É destacado neste processo o importante papel dos processos de design participativo, codesign e design aberto.

Karine Freire parte dos pilares colocados por Franzato, em que o design estratégico é entendido como um processo de diálogo e construção coletiva de estratégias organizacionais desenvolvido por uma ampla rede de atores. Baseando-se no termo “coalizões de design” cunhado por Ezio Manzini e de “intérpretes” cunhado por Roberto Verganti, a autora indica como os designers podem estimular o percurso projetual dos intérpretes integrando-os em “coalizões” e trazendo seu ponto de vista para promover uma mudança de paradigma para o futuro em termos de sustentabilidade. Além da articulação em rede, a inovação social dirigida pelo design necessita de espaços que ativem a rede de intérpretes da cultura contemporânea para responder aos desafios da contemporaneidade: os laboratórios de inovação social. Laboratórios são definidos como espaços de aprendizagem coletiva, adequados para criar, desenvolver e incubar novos empreendimentos que gerem mudanças sistêmicas na sociedade em direção ao bem-estar coletivo, nos quais a experimentação é central para a produção de conhecimento e soluções. A autora define não somente as características destes espaços, mas os processos e os possíveis papéis dos designers neste desenvolvimento.

Cynthia Malaguti desenvolve reflexões originadas em questionamentos decorrentes de três experiências pessoais vivenciadas na condução de projetos de design. O valor de sua contribuição é a de fazer uma retrospectiva, analisando projetos em que esteve envolvida e nos quais reconhece princípios que hoje são definidos como design para a inovação social. Analisa tais práticas a partir de alguns parâmetros norteadores: a estratégia de gestão, a definição do escopo do projeto e o protagonismo dos atores envolvidos em cada situação e o tempo. Realiza uma interessante revisão da literatura no seu intento de definir inovação social e articulá-la com o design, descrevendo as características das inovações

sociais quanto à sua natureza, estímulos geradores, recursos e dinâmicas, agentes, meio ou lugar e as condições para uma expressividade criativa. Quanto à dinâmica entre os agentes, de particular interesse é a relação entre hegemonia e resistência, isto é, a capacidade de inovar entre agentes “fracos”, ou vulneráveis à exclusão, e os hegemônicos. Nisso a autora tem o mérito de problematizar e trazer à tona o aspecto político e as tensões inerentes aos processos de inovação social, e o papel que o designer pode ter de mediador, construindo uma ponte para um diálogo mais igualitário entre os atores. A autora observa também o papel do designer como facilitador, e não de líder, na condução dos processos, além de constatar a importância da construção de laços de confiança, da escuta atenta e da disponibilidade e imersão na vida da comunidade em que atua. Neste sentido, a autora ressalta que as abordagens da psicologia humanista, da antropologia e das pedagogias emancipatórias podem dar uma importante contribuição ao processo de gestão das inovações sociais por meio do design.

Esta própria autora, Carla Cipolla, compartilha uma reflexão sobre as convergências e divergências entre os termos, e práticas associadas, do design social e do design para a inovação social. Conclui que, independentemente do termo utilizado ou de classificações rígidas para tais definições, ambas configuram os extremos de um espectro de possibilidades e podem ser utilizadas para a compreensão e posicionamento da orientação estratégica das práticas, considerando o quanto estas podem contribuir para a redução de um estado de restrição ou carência de recursos e possibilidades, ou o quanto podem contribuir para processos amplos de mudança social. Esta última inclui, em uma perspectiva de longo alcance, o modo mesmo como a sociedade é organizada, suas instituições e modos de vida, segundo uma determinada orientação qualitativa (como a sustentabilidade, por exemplo).

Há diversos outros designers e autores que seriam muito bem-vindos nesta seção do livro, e espera-se que muitos outros sejam realizados sobre o tema. Diante do convite de articular as palavras design, inovação social e sustentabilidade, os autores das próximas páginas desenvolveram capítulos que contribuem para um mapeamento, ainda que não exaustivo, da situação teórica e prática atual do design para a inovação social e sustentabilidade no contexto brasileiro.